

ANÁLISE REGIONAL DA DINÂMICA TERRITORIAL DO SUDOESTE PARANAENSE – 1970 A 2000

Cristiano Stamm¹
Rafaela Fávero²
Moacir Piffer³
Carlos Alberto Piacenti⁴

RESUMO

Esse artigo analisa, através de instrumentos de análise regional, a dinâmica territorial da mesorregião Sudoeste do estado do Paraná no período em que se inseriu na economia nacional, ou seja, a partir da década de 70, identificando quais os mecanismos utilizados para o seu crescimento e o desempenho dos seus ramos de atividade através da variável emprego. A análise identificou o padrão de crescimento dessa região e sua integração com a economia nacional no período de 1970 a 2000. A variável-base utilizada foi a mão-de-obra ocupada por ramos de atividades. Assim, verificou-se que, até a década de 1970, a dinâmica de crescimento da mesorregião Sudoeste encontrava-se intimamente ligada ao desenvolvimento do setor agrícola. A partir da década de 1980, com a transformação tecnológica no campo, ocorrida em 1970, essa região apresentou uma maior diversificação e difusão dos seus ramos de atividades, mostrando, assim, outros potenciais ligados direto ou indiretamente ao setor agrícola, principalmente o comércio na região, crescendo e dinamizando sua economia. Portanto, o Sudoeste paranaense apresentou uma estrutura de atividades mais diversificadas e difundidas pelo espaço regional e urbano, com fortes ligações com o resto do Brasil no decênio de 1990, quando comparado com 1970. Contudo, pode-se dizer que o agregado das atividades – ampliadas e diversificadas – proporcionou a inserção da região no espaço da economia nacional.

Palavras-chave: Análise regional, desenvolvimento regional, sudoeste Paranaense.

¹ Mestrando em Desenvolvimento Regional e Agronegócio na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste/Toledo – Bolsista da Capes. Economista pela Unioeste/Toledo. Membro do Grupo de Pesquisa em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC). E-mail: stamm@unioeste.br

² Economista pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste/Francisco Beltrão). E-mail: rafaelafavero@hotmail.com

³ Doutorando em Desenvolvimento Regional na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Professor Assistente do Curso de Ciências Econômicas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste/Toledo). Pesquisador do Grupo de Estudo em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (GEPEC). E-mail: piffer@unioeste.br

⁴ Doutorando em Economia Rural na Universidade Federal de Viçosa – UFV. Professor Assistente do Curso de Ciências Econômicas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste/Toledo). Pesquisador do Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (GEPEC). E-mail: piacenti@unioeste.br

Teor. e Evid. Econ.	Passo Fundo	v. 13	n. 25	p. 111-133	novembro 2005
---------------------	-------------	-------	-------	------------	---------------

INTRODUÇÃO

O crescimento e a inserção da economia paranaense na economia nacional deram-se a partir da década de 1970, influenciados pela proximidade geográfica com o estado de São Paulo, em razão da sua desconcentração industrial e da operação governamental nas economias regionais, principalmente no tocante à infra-estrutura e dos serviços. Foi também nesse período que a agricultura vislumbrou uma notável mudança tecnológica, através da incorporação de culturas tecnificadas e da utilização de insumos modernos, advindos do complexo industrial de base agropecuária, da indústria metal-mecânica na região Metropolitana de Curitiba (RMC) e da expansão da agroindústria de processamento de café e óleos e dos frigoríficos na região Norte do estado. Por outro lado, essa mudança tecnológica propiciou a ocupação de novas áreas e a reestruturação das tradicionais, ocasionando uma forte migração rural para os grandes centros e, principalmente, para outros estados (PIFFER et al., 2002).

Mesmo na década de 1980, com a recessão brasileira, a economia paranaense obteve grandes transformações em sua base produtiva. Ocorreu a inserção de importantes indústrias, como por exemplo, as de material elétrico, comunicação, papel, química e material de transporte, bem como uma ampla diversificação agroindustrial (STAMM, 2001).

Na década de 1990, com a abertura comercial brasileira, houve em alguns setores da economia um processo de desregulamentação, ou seja, a saída do Estado como órgão regulador. Com isso, o processo de reestruturação de alguns setores industriais foi inevitável, fazendo com que várias indústrias nacionais se readequassem a novos métodos de produção e comercialização de seus produtos. Já o crescimento do setor agropecuário nos últimos anos tem se apresentado significativo em razão, principalmente, do comportamento dos preços agrícolas e da política cambial favorável à comercialização dos mesmos, embora não se possa deixar de inserir o efeito indutor da agroindústria (GASQUES e BASTOS, 2003).

Assim, conforme Piffer (1997), o desempenho da economia paranaense nas últimas décadas apresentou um notável dinamismo, e a base de sua economia estruturalmente dinâmica e diversificada encontrou sua sustentação principalmente no setor agropecuário. Tendo em vista esse dinamismo, torna-se interessante o estudo da mesorregião Sudoeste paranaense, uma vez que detém pouca parcela da população do estado, 4,9% do total, e é tida como a menos urbanizada. Porém, revela-se com um perfil social menos heterogêneo, apresentando um espaço socioeconômico especial, no tocante à mesorregional do Paraná e, com isso, seu desempenho econômico é confirmado através do agregado dos indicadores da região (IPARDES, 2004). Para tanto, a caracterização das atividades produtivas dessa região⁵ torna-se necessária, pois seu crescimento e inserção relacionam-se com a dinâmica espacial do país, que acontece na formação da

⁵ Essa região compreende 37 municípios, com uma extensão territorial de 17.438.214 km².

estrutura produtiva da região. Nesse sentido, para compreender uma região é preciso compreender a dinâmica espacial do país e como essa dinâmica vem afetá-la.

Dessa forma, ao estudar uma determinada região, devem-se analisar os elementos propulsores de seu crescimento e sua inserção na dinâmica e organização da economia nacional, examinando-a como parte de um todo. Para a compreensão e interpretação do crescimento regional, utilizou-se a contribuição teórica de North (1977), que analisou o crescimento de regiões que tiveram seu desenvolvimento a partir de uma base de exportação, bem como os estudos de Coraggio (1987).

Portanto, o objetivo é analisar a dinâmica territorial da mesorregião Sudoeste do estado do Paraná no período em que se inseriu na economia nacional, ou seja, a partir da década de 1970, adotando um ponto de vista no qual se utilizou uma perspectiva eminentemente nacional para a abordagem do crescimento da economia regional, ou seja, quais os mecanismos para o seu crescimento e integração à economia nacional.

2 ANÁLISE ESPACIAL E A TEORIA DA BASE DE EXPORTAÇÃO

O referencial básico utilizado por Coraggio (1987) consiste na divisão social do trabalho e nas leis naturais do território. Em seu argumento, enfatiza que a divisão social do trabalho apóia-se nas condicionantes naturais do território e na população que mora nesse território. Assim, entende uma região como *locus* de um determinado fenômeno social. A região é a resultante de um processo social-natural no qual não existem apenas elementos sociais, mas também naturais, cuja lógica, no entanto, é dada pelas leis que governam os processos sociais. Nesse sentido, comenta que todo processo social diferenciado tem uma espacialidade própria, construída sobre a base da espacialidade física dos suportes naturais de tal processo, segundo as leis sociais que lhe são inerentes (CORAGGIO, 1987).

Já North (1977) diz que a exportação regional é o principal fator determinante do crescimento de uma região e de sua interação com as demais regiões e com o resto do mundo. Portanto, para compreender uma região é preciso entender as suas relações com as demais regiões que compõem o sistema nacional e com outros países. Nesse sentido, o foco de interesse está voltado para os fluxos inter-regionais de produtos e serviços, capital, mão-de-obra e população. No entanto, o ponto de partida para a existência dos fluxos comerciais está na especialização regional. Nessa perspectiva, a base teórica para a explicação desses fenômenos pode ser encontrada nos trabalhos de Douglas North (1977, 1977a) através da teoria da base de exportação.

Essa teoria parte da constatação de que é possível separar as atividades econômicas de uma região em básicas e não básicas. As básicas teriam como destino mercados externos à região e as não-básicas destinar-se-iam aos mercados locais. Além disso, a expansão das atividades básicas induziria o crescimento das não básicas. Assim, North explica que “o sucesso da base de exportação tem sido o fator determinante da

taxa de crescimento das regiões. Portanto, a fim de compreendermos esse crescimento, devemos examinar os fatores que propiciaram o desenvolvimento dos produtos básicos regionais” (1977, p. 312).

A teoria da base de exportação foi direcionada para o desenvolvimento de regiões “novas” dos Estados Unidos e Canadá, isto é, desenvolvida para regiões de colonização recente com base na agricultura, especificamente para regiões que cresceram em estruturas capitalistas. Dessa forma, possibilita tanto uma análise do desenvolvimento histórico das economias norte-americana e canadense como uma compreensão dos problemas atuais das regiões novas, relacionando com o crescimento regional. É com esse intuito que se buscou nessa teoria o suporte teórico para explicar o crescimento da mesorregião Sudoeste do Paraná. Nesse sentido, North pondera que,

[...] apesar de se referirem explicitamente ao desenvolvimento dos Estados Unidos, poderiam aplicar-se, da mesma forma, a outras áreas que apresentem as seguintes condições: a) regiões que tenham se desenvolvido dentro de um quadro de instituições capitalista e, portanto, sensíveis a oportunidades de maximização dos lucros, e nas quais os fatores de produção apresentaram relativa mobilidade, e b) regiões que tenham se desenvolvido sem restrições impostas pela pressão populacional [...] (1977, p. 292-293).

North (1977) conceitua os produtos de exportação de uma região como os produtos dos setores primário, secundário ou mesmo terciário, o que os diferencia do termo “produtos primários”, pois esses se caracterizam como os principais artigos ou bens produzidos numa região, o qual tem sido geralmente usado para designar produtos da indústria extrativa. Ele usa a expressão “produtos de exportação” (ou serviços) para referir-se aos itens individuais e a expressão “base de exportação” para designar, coletivamente, os produtos e serviços de exportação de uma região.

Os produtos primários de exportação desempenham papel igualmente vital na sensibilidade cíclica da região, pois através deles as mudanças do nível de renda de outras regiões se fazem sentir na economia-objeto. Além disso, a sensibilidade da região às flutuações depende das elasticidades-renda dos produtos primários de exportação, bem como seu grau de diversificação dos produtos exportáveis, haja vista que as regiões que se especializaram em poucos produtos terão maiores flutuações na renda do que as regiões mais avançadas. Enfatizando, North (1977, p. 304) conclui que “é evidente que esse crescimento está vinculado ao sucesso de suas exportações e pode ocorrer como resultado da melhoria do desenvolvimento de novos produtos de exportação”.

A expansão dos produtos de exportação se deve, sobretudo, ao maior desenvolvimento dos transportes. Assim, uma região se expande em razão do resultado do crescimento da demanda de seus bens de exportação existentes, seja por um aumento da renda na área de mercado, seja pela mudança dos gostos. Da mesma forma, o desenvolvimento poderá ser promovido por um melhoramento na posição de custo de processamento,

ou de transferência dos produtos de exportação da região em relação a regiões competidoras.

Com isso, o aumento da demanda dos produtos de exportação de uma região implica a geração de efeitos múltiplos na região, ou seja, há uma indução ao aumento de investimentos não apenas na indústria de exportação, mas em todas as atividades econômicas. Pode-se dizer que a formação da base de exportação está intimamente ligada à produção de produtos agrícolas, principalmente quando se trata de regiões jovens, dependentes de produtos primários. North explicita isso quando afirma que

[...] uma produção bem sucedida de bens agrícolas (ou mesmo de muitos produtos extrativos) destinados à venda fora da região pode ser e sob certas condições tem sido, o principal fator de indução do crescimento econômico, do desenvolvimento de economias externas, da urbanização e, eventualmente, do desenvolvimento industrial. O argumento pode ser defendido, grosso modo, da seguinte maneira: a) a especialização e a divisão do trabalho constituem os fatores mais importantes da expansão inicial das regiões; b) a produção de bens para a venda fora da região induz essa especialização e, c) o engajamento na economia internacional em expansão (ou no nacional, no caso de algumas regiões dos Estados Unidos) nos últimos séculos tem sido o caminho, através das quais várias regiões têm alcançado o desenvolvimento econômico [...], (1977a, p. 334 - 335).

Entretanto, North (1977a) afirma que apenas um comércio de exportação agrícola, bem-sucedido pode e realmente tem induzido à urbanização, aos aperfeiçoamentos do mercado de fatores e a uma alocação mais eficiente dos recursos para investimento.

Os argumentos de North são sintetizados por Schwartzman (1975), que explica o desenvolvimento de uma região a partir de uma base de exportação que dependerá do dinamismo dessa base e da sua difusão para o resto da economia regional, ou seja, apresenta duas condições necessárias para o desenvolvimento de uma região:

- a) manutenção do dinamismo do produto de exportação: é preciso que a renda real de uma economia esteja crescendo para se falar em desenvolvimento econômico, embora essa seja condição apenas necessária, mas não suficiente para deflagrar o processo de desenvolvimento. Dessa forma, é necessário que a venda dos produtos de exportação esteja crescendo a uma taxa adequada para que sejam criadas as condições necessárias para o desenvolvimento da região;
- b) a difusão do dinamismo para outros setores da economia: ocorre quando o produto de exportação estiver desenvolvendo outros setores da economia. Assim, é preciso que outras atividades produtivas surjam para que a distribuição da renda atinja o maior número de pessoas possível e que, eventualmente, surjam outras “bases” de exportações.

Quanto à manutenção do dinamismo do produto de exportação, dois fatores são responsáveis: a) elasticidade – renda da demanda – que determina, em grande parte, a possibilidade que tem a região de manter o seu dinamismo através de um só produto

de exportação, ou seja, se o produto tem uma baixa elasticidade-renda, não haverá uma tendência secular para o aumento de suas vendas na medida em que as regiões importadoras se desenvolvem; b) custo do produto de exportação – isto é, a capacidade da região de reduzir o custo do produto levará a que haja um aumento da sua capacidade competitiva e, com isso, ganho de mercado. Nesse sentido, há algumas maneiras de diminuir o custo, ou seja, melhorando a rede de transporte e/ou aumentando a produtividade dos fatores utilizados.

Já, quanto à difusão do dinamismo para outros setores da região, depende de dois fatores: o primeiro seria a característica do produto de exportação, isto é, a tecnologia utilizada na produção do produto de exportação pode causar repercussão nos outros setores produtivos da região. Essa repercussão dependerá da quantidade de insumos regionais utilizados, da possibilidade de o produto exportado ser usado como insumo para outras atividades e da demanda secundária gerada pelos fatores de produção utilizados em outros estágios.

Além disso, Schwartzman (1975) considera quatro variáveis estratégicas para a compreensão da capacidade de desenvolvimento regional: a) a propensão a importar contida na análise do multiplicador, a qual depende da função de produção do produto de exportação e da distribuição de renda conseqüente, como também das características tecnológicas da base ao requerer mais ou menos insumos que podem ser produzidos na região a preços competitivos; b) a propensão a consumir e a poupar, que também será influenciada pela função da produção, via distribuição de renda; c) os custos de transferência; d) as variações na produtividade, estas que, por sua vez, constituem os fatores que influenciam o custo de produção da base e são influenciadas pelas variações tecnológicas e pelos fluxos de fatores de produção escassos que a região consegue atrair.

Finalmente, devem se distinguir os elementos fora do controle da região, mas que influenciam as suas chances de crescimento. São elas: a elasticidade-renda de demanda do “resto do mundo”, as variações tecnológicas na produção de bens exportados ou substitutos próximos, bem como variações nos gastos das pessoas, provocando deslocamentos na curva de procura dos produtos de exportação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a análise dos dados, foram utilizados vários instrumentais de análise regional. Considerou-se como variável analítica principal a População Economicamente Ativa (PEA) por ramos de atividade na região Sudoeste paranaense. A distribuição desses ramos foi classificada, de acordo com IBGE (2000), como agricultura/pecuária/silvicultura, indústria de transformação, indústria da construção civil, outras atividades industriais, comércio, transporte e comunicação, serviços auxiliares de atividades econômicas, prestação de serviços, atividades sociais, administração pública e outras

atividades. Cabe destacar que, para efeitos de comparação entre os períodos estudados, foram agrupadas algumas variáveis, descritas a seguir. O motivo para agregação desses setores é que, para alguns períodos (1970, 1980), a própria classificação do IBGE não oferecia uma desagregação mais ampla. Assim, os setores agregados são: indústria de transformação, indústria da construção civil, outras atividades industriais, que foram agrupados como apenas *indústria de transformação*; o setor de serviços auxiliares de atividades econômicas foi agrupado com o setor *prestação de serviços*. Com isso, obteve-se um total de oito setores de atividades.

Os dados relacionados à PEA foram extraídos dos censos demográficos do IBGE. O período-base da análise foram os últimos três decênios e, para efeito de análise regional, tomaram-se como referência os anos de 1970, 1980, 1991 e 2000. Segundo Haddad (1989, p. 227), o emprego tem sido utilizado como variável-base em diferentes estudos empíricos pelos seguintes motivos: a) maior disponibilidade de informações em nível de desagregação setorial e espacial desejável; b) certo grau de uniformidade para medir e comparar a distribuição dos setores ou atividades no espaço; c) representatividade para medir o crescimento econômico. Segundo North (1977), essa variável cabe corretamente para estudo em regiões essencialmente agrícolas, onde o fator da automação é pouco presente. Contudo, essa variável reflete-se na geração e distribuição da renda regional, fato que estimula o consumo e, conseqüentemente, a dinâmica econômica da mesorregião Sudoeste paranaense.

Para tanto, foram utilizados como medidas para identificar os padrões de concentração ou dispersão: a base de exportação, o multiplicador de emprego, o quociente locacional, o coeficiente de localização, o coeficiente de especialização, o coeficiente de redistribuição e o coeficiente de reestruturação. Essas medidas proporcionaram um quadro de análise da região Sudoeste em relação ao Brasil. As medidas utilizadas são descritas a seguir:

a) *Base de exportação*: é utilizada para identificar os elementos fundamentais que formam a base de exportação, a partir do que se fará o cálculo do multiplicador do emprego básico, seguindo a metodologia descrita em Schickler (1972).

Quando o emprego está ligado às atividades básicas de exportação, ou seja, pela relação: o valor obtido será maior que um, supõe-se que a região exporta o $\frac{S_i}{S} > \frac{N_i}{N}$ excedente para o resto do Brasil ou do mundo. Nesse sentido, Cruz (1997) apresenta a seguinte equação para calcular o emprego básico de um país, por meio da qual é possível determinar as atividades e o emprego básico e não básico das regiões brasileiras:

$$B_i = S_i - S_t \left(\frac{N_i}{N_t} \right) \quad (1)$$

onde: B_i = emprego básico da atividade na região; S_i = emprego na atividade i na região; S_t = emprego total na região; N_i = total de emprego na atividade do país; N_t = total de emprego no país;

b) *Multiplicador de emprego*: uma das grandes preocupações dos estudiosos em economia regional é medir a sensibilidade da demanda dos produtos locais perante os impactos que determinadas medidas exógenas provocam nessa economia. Dessa maneira, recorre-se ao conceito de multiplicador e, em particular, ao de multiplicador de emprego.

$$K = 1 / (1 - (\Delta ENB / \Delta S_t)) \quad (2)$$

sendo: K = multiplicador de emprego da região; ΔS_t = Variação do Emprego Total; ΔENB = Variação do Emprego Não Básico.

O valor mínimo do multiplicador de emprego é um, o que ocorre quando $\Delta ENB / \Delta S_t = 0$, ou seja, quando a variação do emprego não básico por uma variação de emprego total for nula. Nesse caso, o acréscimo da procura local associado à expansão das exportações é integralmente satisfeito pelas importações. Conseqüentemente, quanto maior for o acréscimo do emprego local gerado por uma unidade adicional do emprego total, induzida pelo crescimento do emprego básico, menor será o nível total de fugas para o exterior da região e, logo, maior será o valor do multiplicador, ou seja, quanto maior for a capacidade de criação do setor básico sobre o setor não básico, isto é, quanto maior for a propensão marginal à criação de empregos endógenos ($\Delta ENB / \Delta S_t$), maiores serão os efeitos multiplicadores.

No entanto, para o cálculo das medidas de especialização e localização as informações foram organizadas numa matriz que relacionou a distribuição setorial-espacial do número de empregados por setor. As colunas mostraram a distribuição do número de empregados na região e as linhas, o número de empregados por setor na região (Figura 1).

Definiram-se as seguintes variáveis:

E_{ij} = número de empregados no setor i da região j ;

$\sum_j E_{ij}$ = somatório do número de empregados no setor i da região;

$\sum_i E_{ij}$ = número de empregados em todos os setores da região j ;

$\sum_i \sum_j E_{ij}$ = somatório do número de empregados em todos os setores da região.

	←————— Setores <i>i</i> —————→			
↑ Regiões <i>j</i> ↓		↑		
	←	E_{ij}	→	$\sum_i E_{ij}$
		↓		
		$\sum_j E_{ij}$		$\sum_i \sum_j E_{ij}$

Fonte: Haddad (1989)

Figura1 - Matriz de informações

Com base na matriz de informações descrevem-se as medidas de localização e de especialização que serão utilizadas no presente artigo:

c) *Quociente locacional – QL*: É utilizado para comparar a participação percentual do número de empregados de uma região com a participação percentual do país. O quociente locacional pode ser analisado em setores específicos ou no seu conjunto. É expresso pela equação (3).

$$QL_{ij} = \frac{E_{ij} / \sum_j E_{ij}}{\sum_i E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij}} \quad (3)$$

Em modelos de projeção do crescimento regional consideram-se como atividades ou setores básicos (de exportação) aqueles para os quais o valor do quociente locacional for superior a 1, pois esses setores teriam uma produção que excederia as necessidades locais, de forma que seriam orientados para exportação inter-regional ou internacional, marcando a especialização relativa da região. Assim, estima-se o crescimento autônomo do emprego nos setores básicos já identificados. Finalmente, o emprego total da região será estimado ao aplicarmos no acréscimo do emprego dos setores básicos o multiplicador de emprego. A principal vantagem desse método de projeção é a sua simplicidade didática e as suas escassas necessidades de informações estatísticas.

d) *Coefficiente de localização – CL*: O objetivo do coeficiente de localização é relacionar a distribuição percentual do número de empregados num dado setor entre a

região com a distribuição percentual do número de empregados do país. O coeficiente de localização (CL) é medido pela equação (4).

$$CL_i = \frac{\sum_j \left(\frac{E_{ij}}{\sum_j E_{ij}} \right) - \left(\frac{\sum_i E_{ij}}{\sum_i \sum_j E_{ij}} \right)}{2} \quad (4)$$

Se o coeficiente de localização for igual a zero (0), significa que o setor i estará distribuído regionalmente da mesma forma que o conjunto de todos os setores. Se o valor for igual a um (1), demonstrará que o setor i apresenta um padrão de concentração regional mais intenso do que o conjunto de todos os setores.

e) *Coefficiente de especialização – Cesp*: O coeficiente de especialização é uma medida regional. As medidas regionais concentram-se na estrutura produtiva de cada região, fornecendo informações sobre o nível de especialização da economia num período.

$$CEsp_j = \frac{\sum_i \left(\frac{E_{ij}}{\sum_i E_{ij}} \right) - \left(\frac{\sum_j E_{ij}}{\sum_i \sum_j E_{ij}} \right)}{2} \quad (5)$$

Através do coeficiente de especialização, compara-se a economia de uma região com a economia do país. Para resultados iguais a 0 (zero), a região tem composição idêntica à do país, no caso o Brasil. Em contrapartida, coeficientes iguais ou próximos a 1 demonstram um elevado grau de especialização ligado a um determinado setor ou está com uma estrutura de empregados totalmente diversa da estrutura nacional.

f) *Coefficiente de redistribuição – CR*: Este coeficiente relaciona a distribuição percentual do número de empregados de um mesmo setor em dois períodos de tempo objetivando examinar se está prevalecendo para o setor algum padrão de concentração ou dispersão espacial ao longo do tempo.

$$CR = \frac{\sum_j \left(\frac{E_{ij}^{t1}}{\sum_j E_{ij}^{t1}} \right) - \left(\frac{E_{ij}^{t0}}{\sum_j E_{ij}^{t0}} \right)}{2} \quad (6)$$

Seu valor varia de 0 a 1: quando o coeficiente se aproximar de zero (0), significa que não terão ocorrido mudanças significativas no padrão espacial de localização do setor; o contrário ocorrerá quando o coeficiente se aproximar de um (1).

g) *Coefficiente de reestruturação – Cr*: O coeficiente de reestruturação relaciona a estrutura do número de empregados por região entre dois períodos, ano base 0 e ano 1, objetivando verificar o grau de mudanças na especialização de cada região.

$$Cr = \frac{\sum_i \left(\frac{E_{ij}^{t1}}{\sum_i E_{ij}^{t1}} \right) - \left(\frac{E_{ij}^{t0}}{\sum_i E_{ij}^{t0}} \right)}{2} \quad (7)$$

Coefficientes iguais a zero (0) indicam que não ocorreram modificações na estrutura setorial da região, e iguais a um (1) demonstram uma reestruturação bem substancial.

Assim, as medidas de localização e especialização, mensuradas a partir dos ramos de atividades, permitiram descrever padrões de comportamento dos setores produtivos no espaço econômico, bem como as diferentes estruturas produtivas existentes na região as quais compõem esse espaço. Conforme Piacenti e Lima (2002), essas medidas indicaram o padrão do crescimento econômico da região e proporcionaram um quadro de análise da região em relação ao estado.

Segundo Alagh et al. (1971), quando se associam os quocientes locacionais com algum conhecimento *a priori* sobre a natureza das atividades produtivas, torna-se possível identificar conjuntos inter-relacionados de setores. Assim, Haddad (1989) conclui que o uso de medidas de localização e especialização na análise econômica regional pode ser valioso na fase exploratória de qualquer estudo.

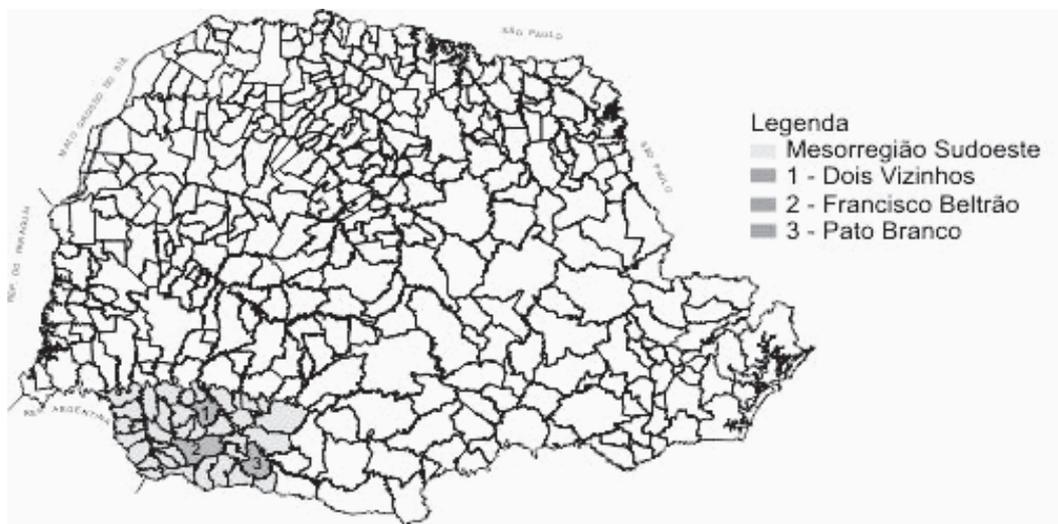
Vale ressaltar que os dados referentes aos ramos de atividades, bem como a mesorregião em questão, obedeceram à classificação utilizada pelo IBGE (2000), a qual teve alteração, em nível de desagregação, durante os anos de estudo, porém não interferindo no cálculo das medidas em questão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Características gerais da região sudoeste

A mesorregião Sudoeste do Paraná representa um espaço socioeconômico-cultural singular no comparativo mesorregional do estado. Detendo pequena base de população, 4,9% do total estadual, é a segunda mesorregião menos urbanizada do Paraná, porém revela um perfil social relativamente menos heterogêneo, evidenciando um bom desempenho no tocante à maioria dos indicadores que apresenta (IPARDES, 2004).

A região (Fig. 1) tem sua estrutura produtiva regional calcada na agroindustrialização e na produção de grãos e carnes. Essa matriz produtiva foi constituída a partir dos movimentos migratórios, que se iniciaram no início do século XX, originados principalmente do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A ocupação deu-se a partir do século passado, porém a colonização oficial ocorreu através de uma iniciativa do governo federal em 1940, com a finalidade de proteger as fronteiras de argentinos e paraguaios. No início da colonização, os agricultores estabeleceram uma economia baseada nas unidades de produção familiar destinadas principalmente para o consumo local e com venda do excedente para exportação. A base de seus produtos era a extração de madeira e a produção de erva-mate, passando, logo após, para o cultivo de cereais, como o feijão e o milho, aliados à criação de animais para o trabalho, transporte e autoconsumo (ASSESOAR, 1998; SEAB, 2004).



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do IPEA (2000)

Figura 1 – Estado do Paraná com destaque para a mesorregião Sudoeste

A partir da década de 1970, a região passou a produzir também para o mercado externo, principalmente com o crescimento da cultura da soja. Em razão da produção dos grãos houve também na região o desencadeamento para outros ramos de atividades ligados a agroindustrialização, como a criação de suínos e aves, expandindo-se atualmente para a produção de leite (PIFFER, 1997).

Destarte, a ocupação da região Sudoeste está ligada à forma de sua exploração econômica e de fronteira de expansão agrícola. A origem dessa etapa de processo de ocupação, colonização e formação da base de exportação do espaço econômico do Sudoeste paranaense e seus principais sinais de integração ao mercado nacional e internacional foram marcados, de um lado, pelo fluxo do capital estrangeiro na extração da erva-mate e da madeira; por outro, a frente sulista dentre as três fronteiras de ocupação foi a que mais se destacou na ocupação e colonização e início de uma agricultura de subsistência (STAMM, 2001).

Com relação à criação, produção e exportação de aves e suínos, uma das molas propulsoras para o crescimento desse setor foi a instalação dos abatedouros da Sadia nos municípios de Francisco Beltrão e Dois Vizinhos, essa a maior empresa do Sudoeste do Paraná.

Assim como o restante do estado, a agropecuária da região Sudoeste paranaense tem buscado a articulação com a agroindústria na intenção de garantir mercado e rentabilidade. Em termos de produção agrícola, a mesorregião é responsável por 10,2%

da produção de grãos do estado, com o milho, o feijão e a soja aparecendo como os três principais produtos da região. Nesse sentido, observa-se que o milho produzido no Sudoeste corresponde a 13,2% do total estadual; o feijão, a 7,5% e a soja, a 7,4% (Tab. 1). Dessa forma, o crescimento da produção de grãos entre 1990 e 2001, em especial da soja (47,08%) e do milho (79,59%), serviu à sustentação da produção pecuária, que, no período 1990-2001, cresceu substancialmente.

Tabela 1 - Produção dos principais produtos explorados na região – 2001

Produto	Produção		
	Sudoeste	Paraná	Participação %
Grãos (t)			
Milho	1.668.310	12.646.564	13,19
Feijão	34.583	462.615	7,48
Soja	639.879	8.615.187	7,43
Trigo	112.083	2.012.771	5,57
Aveia	11.677	223.976	5,21
Arroz	6.247	178.336	3,5
Outros grãos	6.059	105.212	5,76
Total de grãos	2.478.838	24.244.661	10,22
Outros Produtos			
Batata-doce	21.162	62.448	33,59
Fumo (em folha)	10.729	65.554	15,62
Mandioca	377.174	3.615.321	10,43
Uva	7.661	97.357	7,69
Erva-mate (em folha)	13.905	339.139	4,10
Outros produtos (mil frutos)			
Melancia	9.510	77.155	12,33
Laranja	36.961	302.306	12,14
Limão	1.016	8.565	11,86
Pêssego	2.004	23.102	8,67

Fonte: Ipardes, 2004.

O extraordinário crescimento das lavouras de soja e milho representa ganhos de participação no valor da agropecuária regional, evoluindo de 33,81%, em 1990, para 35,72%, em 2001, com o milho passando de 22,15% para 19,63% e a soja aumentando de 11,66% para 16,08%. Além dos grãos, em termos de produção agrícola, a região também se destaca como produtora de 33,9% da batata-doce produzida no Paraná,

15,6% do fumo e 10,4% da mandioca. É importante ressaltar ainda a importância que a fruticultura vem assumindo na mesorregião como estratégia de produção incentivada pelos programas governamentais, que aproveita a vocação da região para a policultura. Dados do IBGE demonstram que o Sudoeste destacou-se no estado em 2001 na produção de melancia (12,3%), laranja (12,1%), limão (11,9%), pêssego (8,7%) e uva (7,9%) (IPARDES, 2004).

É importante sublinhar o reordenamento pelo qual o setor vem passando na região, onde a pecuária, que representava 47,5% em 1990, passou a 53,3% em 2001. Nesse processo, merece destaque a ascensão da participação das aves, produto que apresenta o maior valor na produção agropecuária do Sudoeste, que em 1990 representava 20,2% e, em 2001, passou para 25,4% (IPARDES, 2004).

No que diz respeito à produção pecuária, observa-se que a suinocultura e a avicultura destacam-se em relação à produção estadual, correspondendo, respectivamente, a 18,05% e 17,11% do rebanho estadual (Tab. 2).

Tabela 2 - Valor absoluto dos rebanhos na mesorregião Sudoeste e participação na produção paranaense – 2001

Rebanho	Número de cabeças		Participação do Sudoeste no total do Estado (%)
	Sudoeste	Paraná	
Suínos	791.626	4.385.914	18,05
Aves	26.092.152	152.509.986	17,11
Bovinos	795.599	9.816.547	8,10
Caprinos e ovinos	49.158	624.834	7,87

Fonte: IBGE: Pesquisa Pecuária Municipal; IparDES (2004).

O rebanho bovino da região corresponde a 8,1% do rebanho estadual e está voltado, basicamente, para a produção de leite que é o produto de origem animal com maior participação na produção estadual (16,8%). Além do leite, a região participa com 11,8% do mel de abelha e 11,4% dos ovos de galinha produzidos no estado.

Observa-se que, na região Sudoeste paranaense, mesmo que se fale em diversificação da produção e policultura, ainda existe concentração do valor da produção em cinco produtos – aves, milho, soja, suínos e leite, em ordem decrescente de representatividade –, que respondem por 79,51% da receita bruta do setor primário nessa região.

Quanto à forma de distribuição do emprego através dos setores das atividades no Sudoeste paranaense, observou-se que a agricultura apresentou uma forte queda na participação total do emprego, caindo de 82,73% para 42,15% entre 1970 e 2000, respectivamente. Dentre os setores que mais contribuíram para a absorção desse impacto estão a indústria da transformação e o comércio de mercadorias, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 - Distribuição do emprego na mesorregião Sudoeste paranaense (em %)

Setores	1970	1980	1990	2000
Agric./Pec./Silvicultura	82,73	65,30	55,43	42,15
Indústria da Transformação	5,31	11,17	12,38	17,26
Comércio de Mercadorias	2,66	6,25	8,35	15,27
Prestação de Serviços	3,56	2,14	2,26	3,46
Transporte e Comunicação	1,53	8,62	12,77	7,68
Atividades Sociais	2,23	3,59	5,16	3,64
Administração Pública	0,71	1,62	2,55	3,51
Outras	1,26	1,31	1,09	7,02
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa extraídos dos dados do IBGE.

Fazendo uma comparação da mesorregião Sudoeste com o Brasil, em termos de taxas de crescimento do emprego, observou-se que, no período 1970/1980, a região obteve taxas de crescimento mais expressivas que o país nos setores de prestação de serviços, comércio de mercadorias e administração pública.

Para o período de 1980/1990 a região não apresentou expressivas taxas de crescimento do emprego em comparação com o país. Entretanto no período que corresponde a 1990/2000, os setores indústria da transformação, comércio de mercadorias, prestação de serviços, administração pública e outras atividades mostraram-se com taxas relativamente significativas em comparação com as taxas de crescimento da nação (Tab. 4).

Tabela 4 - Matriz das taxas de crescimento do emprego no Brasil e na mesorregião Sudoeste paranaense (em %)

Setores	1970/1980		1980/1990		1990/2000	
	Brasil	Sudoeste	Brasil	Sudoeste	Brasil	Sudoeste
Agric./Pec./Silvicultura	0,967	1,006	1,324	0,929	1,029	0,787
Indústria da Transformação	2,034	2,680	1,287	1,213	0,988	1,443
Comércio de Mercadorias	1,783	2,991	2,284	1,460	1,043	1,894
Prestação de Serviços	0,496	0,766	1,532	1,158	1,020	1,581
Transporte e Comunicação	5,651	7,169	2,268	1,620	1,042	0,623
Atividades Sociais	2,077	2,050	2,131	1,574	1,069	0,730
Administração Pública	1,494	2,925	1,827	1,721	1,052	1,423
Outras atividades	0,901	1,322	1,002	0,915	1,052	6,660
Total	1,432	1,274	1,640	1,094	1,030	1,035

Fonte: Dados da pesquisa extraídos a partir dos dados do IBGE.

4.2 Análise dos métodos regionais aplicados na mesorregião sudoeste do Paraná

Ao analisar a base econômica da mesorregião Sudoeste do Paraná utilizando a variável mão-de-obra, foi verificada como atividade básica ou de exportação apenas a agricultura, pecuária e a silvicultura, que apresentou um quociente locacional maior que 1 (um) para o decênio de 1970. Para os decênios seguintes, observou-se uma difusão para outros setores e, no decênio de 2000, ocorreu uma diversificação para os setores, comércio de mercadorias e outras atividades (essa inclui as instituições de crédito, de seguro e de capitalização, comércio e administração de imóveis e valores mobiliários, organizações internacionais e representações estrangeiras e atividades não compreendidas nos demais ramos e atividades mal definidas ou não declaradas) (Tab. 5).

Tabela 5 - Quociente locacional da mesorregião Sudoeste do Paraná – 1970 a 2000

Setores	Sudoeste Paranaense			
	1970	1980	1990	2000
Agric./Pec./Silvicultura	1,87	2,18	2,29	1,74
Indústria da Transformação	0,30	0,44	0,62	0,90
Comércio de Mercadorias	0,35	0,65	0,63	1,13
Prestação de Serviços	0,29	0,50	0,57	0,88
Transporte e Comunicação	0,36	0,52	0,55	0,33
Atividades Sociais	0,46	0,51	0,57	0,38
Administração Pública	0,18	0,40	0,56	0,76
Outras atividades	0,26	0,43	0,59	3,73

Fonte: Resultados da pesquisa.

Portanto, a mesorregião Sudoeste paranaense obteve uma especialidade regional na agricultura/pecuária/silvicultura em relação ao Brasil, ou seja, possui, proporcionalmente, mais pessoas trabalhando nessa atividade que o país o que a caracteriza como atividade exportadora. Conforme exposto na metodologia, esse quociente compara a participação percentual do número de empregados de uma região com a participação percentual do país, no entanto os índices maiores que 1 determinaram certa especialidade na região.

Nesse contexto, verificou-se pelo quociente locacional que, se a concentração de emprego na região para determinado setor de atividade for maior que a concentração do país para o mesmo setor de atividade, pode-se supor que a região exporta o excedente para o resto do país e/ou para outras regiões.

Em termos de valores tem-se que o total da População Economicamente Ativa da mesorregião Sudoeste do Paraná é de 154.079 e a do Brasil, de 29.514.436, em 1970. Com isso, foram verificados 67.318 de empregos básicos, os quais corresponderam a um multiplicador de emprego de 2,28, ou seja, cada emprego do setor básico (de exportação, ou seja, ramos de atividades que obtiveram valores positivos na base de exportação) gerou 2,28 empregos no setor não-básico da economia (conforme Tab. 6). Vale destacar que o aumento da demanda dos produtos de exportação de uma região implica a geração de efeitos múltiplos na região, ou seja, induz ao aumento de investimentos não apenas na indústria de exportação, mas em todas as atividades econômicas.

Tabela 6 - Emprego na base de exportação da mesorregião Sudoeste – 1970 a 2000

Setores	Base de exportação da mesorregião Sudoeste			
	1970	1980	1990	2000
Agric./pec./silvicultura	59.132	69.423	67.181,06	40.049
Indústria da transformação	-19.459	-28.117	-16.375,91	-4.259
Comércio de mercadorias	-7.711	-6.479	-10.657,66	4.028
Prestação de serviços	-13.437	-4.162	-3.687,41	-1.070
Transporte e comunicação	-4.134	-15.742	-22.033,32	-34.699
Atividades sociais	-4.024	-6.753	-8.535,96	-12.987
Administração pública	-4.926	-4.814	-4.274,60	-2.502
Outras atividades	-5.442	-3.357	-1.616,19	11.441
Emprego básico	67.318	91.362	93.804	93.952
Emprego não básico	86.761	105.059	121.214	128.687
Total de emprego	154.079	196.421	215.018	222.639
Multiplicador de emprego	2,29	2,15	2,29	2,37

Fonte: Resultado da pesquisa

Para os demais anos da análise observou-se que o multiplicador de emprego da região permaneceu praticamente constante e que, no ano de 2000, seu valor foi de 2,37. Assim, como dito anteriormente e comprovando os valores do quociente locacional, os setores agricultura/pecuária/silvicultura, comércio de mercadorias e outras atividades apresentaram um valor positivo no cálculo da base de exportação para o ano de 2000, ou seja, são setores de atividades considerados como de exportação.

As atividades não básicas dependem das atividades básicas (de exportação), visto que há uma necessidade de uma “mola” propulsora para o crescimento de determinados setores. Durante os períodos analisados o emprego não básico cresceu a taxas maiores que o crescimento do emprego básico, significando que o grau de indução das atividades básicas sobre as não básicas cresceu durante o período.

Como descrito anteriormente, o coeficiente de especialização indica o grau de especialização das economias regionais, ou seja, indica sua composição setorial. Visualizando o coeficiente apresentado na Tabela 7, pode-se observar que a mesorregião possuía uma estrutura produtiva relativamente especializada no contexto brasileiro. Todavia, o valor do índice vem caindo, aproximando-se de zero, o que sugere que a estrutura regional tende a igualar-se à estrutura do conjunto do país. Aqui o coeficiente de localização trouxe um índice do agregado dos setores analisados, ou seja, analisou a região como um todo.

Tabela 7 - Coeficiente de especialização – 1970 a 2000

Ano	Mesorregião Sudoeste
1970	0,3838
1980	0,3534
1990	0,3124
2000	0,2494

Fonte: Resultado da pesquisa

Assim, o que se percebeu é que através do quociente locacional, que analisa separadamente cada setor, a agricultura, pecuária e a silvicultura possibilitaram o surgimento de uma matriz de produção especializada na mesorregião, porém através da diversificação e dinamização de outros setores na economia da região. Como mostrou o índice locacional para o ano de 2000, o índice de especialização tende ser cada vez menor e sua base econômica passará a ser idêntica à do país.

Conforme mencionado na metodologia, o coeficiente de localização é utilizado para relacionar a distribuição percentual do número de empregados num dado setor entre a região com a distribuição percentual do número de empregados do país. Com isso, observa-se na Tabela 8 que todos os índices relacionados apresentaram uma estrutura de distribuição regional da mesma forma que o conjunto de todos os setores do país, ou seja, a região não apresentou nenhum padrão de concentração nos setores analisados.

Tabela 8 - Coeficiente de localização – 1970 a 2000

Atividades	1970	1980	1991	2000
Agric./pec./silvicultura	0,0023	0,0027	0,0020	0,0012
Indústria da transformação	0,0018	0,0013	0,0006	0,0002
Comércio de mercadorias	0,0017	0,0008	0,0006	0,0002
Prestação de serviços	0,0019	0,0012	0,0007	0,0002
Transporte e comunicação	0,0017	0,0011	0,0007	0,0010
Atividades sociais	0,0014	0,0011	0,0007	0,0010
Administração pública	0,0021	0,0014	0,0007	0,0004
Outras atividades	0,0019	0,0013	0,0006	0,0043

Fonte: Resultados da pesquisa

Analisando o coeficiente de redistribuição, que nos mostra a relação da distribuição percentual do número de empregados de um setor em dois períodos de tempo, notou-se que, conforme o decorrer dos anos, não ocorreram mudanças significativas no padrão espacial de localização dos setores na mesorregião Sudoeste paranaense. O coeficiente de reestruturação mostrou um quadro praticamente constante no decorrer dos períodos, o que pressupõe que não houve mudanças no grau de especialização da região, conforme dados da Tabela 9.

Tabela 9 - Coeficiente de redistribuição e coeficiente de reestruturação

Coeficiente de redistribuição	1970/1980	1980/1991	1991/2000
Atividade			
Agric./pec./silvicultura	0,00020	0,00151	0,00084
Indústria da transformação	0,00025	0,00006	0,00044
Comércio de mercadorias	0,00061	0,00055	0,00079
Prestação de serviços	0,00041	0,00028	0,00049
Transporte e comunicação	0,00025	0,00034	0,00035
Atividades sociais	0,00002	0,00031	0,00028
Administração pública	0,00045	0,00005	0,00031
Outras atividades	0,00032	0,00009	0,00489
Coeficiente de reestruturação	0,18854	0,10076	0,19891

Fonte: Resultados da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste artigo foi analisar o crescimento da mesorregião Sudoeste do estado do Paraná e sua inserção na economia nacional a partir da década de 1970 através de instrumentos de análise regional.

Ao analisar a base econômica do Sudoeste do Paraná, verificaram-se uma intensificação e expansão em sua base de exportação. O quociente locacional da agricultura da região, em 1970 foi de 1,87, o que caracterizou que a sua base de exportação estava estruturada nesse ramo de atividade e, juntamente com o setor da indústria de transformação, tais atividades foram consideradas como atividades básicas. Assim, as rendas geradas nas atividades básicas produziram um efeito multiplicador sobre as demais atividades (não básicas) do mercado regional, induzindo o seu crescimento. Essa indução confirma-se com a elevação dos valores do quociente locacional para os demais setores da economia para os anos seguintes, o que quer dizer que a base de exportação da mesorregião Sudoeste do Paraná proporcionou uma difusão da renda para outros setores ou ramos de atividades.

Entretanto, pode-se afirmar que as atividades não básicas foram induzidas pelas atividades básicas, as quais possibilitaram uma maior difusão e diversificação do espaço regional, mais especificamente nas atividades urbanas, ou seja, as transformações ocorridas na década de 1970 na base agrícola decorrentes da mecanização e modernização do espaço rural e do encadeamento com outros setores de atividades, bem como a reorganização do padrão produtivo e da comercialização, proporcionaram tal desempenho para as atividades da mesorregião Sudoeste do estado.

A base de exportação sofreu uma intensificação e expansão, pois o multiplicador de emprego, que, em 1970, era de 2,29, manteve-se praticamente constante e passou para 2,37 em 2000. Com isso, pode-se dizer que o emprego não básico cresceu a taxas maiores que o crescimento do emprego básico. No entanto, os resultados obtidos confirmam a importância dos setores primário e secundário na formação da mesorregião Sudoeste, caracterizando tais atividades (básicas) como propulsoras do crescimento da região, ou seja, formando efeitos de ligação para todas as atividades na região e no Paraná como um todo decorrente das exportações de bens e serviços para a matriz produtiva nacional.

Destarte, ao longo dos anos examinados neste trabalho, percebeu-se que a mesorregião Sudoeste do Paraná conseguiu estimular seus ramos de atividades através de sua base de exportação. No entanto, ficou evidente o mecanismo de crescimento e integração do Sudoeste paranaense, ou seja, foram utilizados os produtos tidos como de exportação para a indução dos produtos não básicos para o crescimento dessa região, inserindo-se, assim, no contexto da dinâmica nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAGH, Y. K. et al. Interregional industrial structure in a developing economy: a conceptual frame with a case study. *Journal of Regional Science*, 11 (3), p. 301-16, dec., 1971. In: HADDAD, Paulo Roberto (Org.). *Economia regional: teorias e métodos de análise*. Fortaleza. BNB. ETENE, 1989.

ASSESOAR. *História do assesoar*. (1998) Disponível em: <<http://www.assesoar.org.br/histass32.htm>>. Acesso em: 1º ago 2002.

CORAGGIO, J. L. *Territórios en transición: crítica de la planificación regional em América Latina*. Quito: Ciudad, 1987.

CRUZ, A. R. M. Importância do turismo para economia do Estado do Paraná: estudo dos impactos dos multiplicadores de renda e emprego nas cidades de Curitiba e Foz do Iguaçu. (Monografia de graduação): UFPR, Curitiba, 1997.

GASQUES, J. G.; BASTOS, E. T. *Crescimento da agricultura*. Boletim de Conjuntura IPEA. n. 60, mar. 2003. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/bccj/bc_60n.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2004.

HADDAD, P. R. (Org.). *Economia regional: teorias e métodos de análise*. Fortaleza. BNB. ETENE, 1989. (Estudos Econômicos e Sociais, 36).

IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social). *Leituras regionais: mesorregião geográfica Sudoeste paranaense*. Curitiba: IparDES, 2004.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). *Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: redes urbanas regionais: Sul/IPEA, IBGE, UNICAMP/IE/NESUR, IPARDES*. Brasília: IPEA, 2000.

NORTH, D. C. A Agricultura no crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN (Org.). *Economia regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.

_____. A Agricultura no crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN (Org.). *Economia regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977a.

PIACENTI, C. A.; LIMA, J. F. (Coord.). Análise do impacto dos reservatórios das hidroelétricas no desenvolvimento econômico microrregional. Toledo: Unioeste/Toledo, março/2001. 245 p. (Relatório de Pesquisa. Unioeste/Toledo - Fundação Araucária - Projeto 612.), 2002.

PIFFER, M. A Dinâmica do Oeste Paranaense: sua inserção na economia nacional. (Dissertação de mestrado) Curitiba, UFPR, 1997.

PIFFER, M.; STAMM, C.; PIACENTI, C. A.; LIMA, J. F. A base de exportação e a reestruturação das atividades produtivas no Paraná. In: CUNHA, M. S.; ROCHA JÚNIOR, W. F.; SHIKIDA, P. F. A. (Org.). *Agronegócio paranaense: potencialidades e desafios*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

SCHWARTZMAN, J. A. Teoria da base de exportação e o desenvolvimento regional. In: HADDAD, P. R. *Desequilíbrios regionais e descentralização industrial*. (monografia 16) - Rio de Janeiro: IPEA/IPLAN, 1975.

SCHICKLER, S. A Teoria da base econômica regional: aspectos conceituais e testes empíricos. In: HADDAD, Paulo R. *Planejamento regional: métodos e aplicações ao caso brasileiro*. Rio de Janeiro, IPE/INPE, 1972.

SEAB – Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná. Disponível em: <<http://www.pr.gov.br/seab>>. Acesso em: 29 jul. 2004.

STAMM, C. A dinâmica de crescimento dos municípios do extremo Oeste paranaense em comparação a economia nacional. (Relatório de Pesquisa – PIBIC/PIC/Unioeste), 2001.

SYNOPSIS

**REGIONAL ANALYSIS OF THE TERRITORIAL DYNAMICS
SOUTHWESTERN PARANAENSE – 1970 A 2000**

This article analyzes, through instruments of regional analysis, the territorial dynamics of the Southwestern meso-region of the State of Paraná in the period it was inserted in the national economy, the 70s, identifying the mechanisms used for the growth and the performance of its branches of activities through the job variable. The analysis identified the standard of growth of this region and its integration with the national economy between the periods of 1970 and 2000. The base variable was the labour man in the branches of activities. Thus, it was verified that until the decade of 1970, the dynamics of growth of the Southwestern meso-region was innerly linked to the development of the agricultural sector. From the decade of 1980, with the technological transformation in the field occurred in 1970, this region presented a bigger diversification and diffusion of its branches of activities, showing other direct or indirect potentials linked to the agricultural sector; mainly the commerce, increasing and improving its economy. Therefore, the Southwest region of the State of Paraná presented a structure of activities more diversified and widespread by the regional and urban space, with a strong linking with the rest part of Brazil in the decade of 1990 if compared with 1970. However, it is possible to affirm that the aggregate of the extended and diversified activities provided the insertion of the region in the national economy.

Key Words: regional analysis, regional development, southwestern region of the state of Paraná.

SINOPSIS

**ANÁLISIS REGIONAL DEL PARANAENSE AL SUDOESTE DE LA
DINÁMICA TERRITORIAL – 1970 A 2000**

Este artículo analiza, a través de los instrumentos del análisis regional, la dinámica territorial de la meso-regio'n al sudoeste del estado de Paraná en el período que fue insertado en la economía nacional, el 70s, identificando los mecanismos usados para el crecimiento y el funcionamiento de sus ramas de actividades con la variable del trabajo. El análisis identificó el estándar del crecimiento de esta región y de su integración con la economía nacional entre los períodos de 1970 y 2000. La variable baja era el hombre de trabajo en los ramas de actividades. Así, fue verificado que hasta la década de 1970, la dinámica del crecimiento de la meso-regio'n al sudoeste innerly fue ligada al desarrollo del sector agrícola. A partir de la década de el an o 80, con la transformación tecnológica en el campo ocurrió en 1970, esta región presentó una diversificación y una difusión más grandes de sus ramas de actividades, demostrando otros potenciales directos o indirectos ligados al sector agrícola, principalmente el comercio, aumentando y mejorando su economía. Por lo tanto, la región del sudoeste del estado de Paraná presentó una estructura de las actividades diversificadas y extensas por el espacio regional y urbano, con ligarse fuerte a la pieza del resto del Brasil en la década de 1990 si estuvo comparada con 1970. Sin embargo, es posible afirmar que el agregado de las actividades extendidas y diversificadas proporcionó la inserción de la región en la economía nacional.

Palabras llave: análisis regional, desarrollo regional, región al sudoeste del estado de Paraná.